

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

GUIA DO ESTUDANTE

História
1º ano



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1990/91

378(05)
Guia
813

C-B = 657150

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

GUIA DO ESTUDANTE

XI



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1990/91

Guia do Estudante da FLUP. HIS : 3º Ano

Vol. 11, 1990-1991

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e Impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 100

GUIA DO ESTUDANTE - 1990

INTRODUÇÃO

Na sequência do trabalho levado a cabo por anteriores Conselhos Directivos, edita-se no ano lectivo de 1990-91, pela 11^a vez, o Guia do Estudante.

Como parte integrante da vida da Faculdade de Letras do Porto, o Guia pretende ser, fundamentalmente, um instrumento de informação útil para os alunos nos planos pedagógico, científico, administrativo e da utilização de serviços. Mas nele também cabe o registo de acontecimentos que, de uma ou outra forma, marcaram o trajecto desta instituição ao longo do passado ano lectivo.

Em 12 de Dezembro de 1989 foram aprovados os Estatutos da FLUP, momento assinalável na vida e autonomia da Faculdade e facto que implicou uma responsabilização acrescida de todos os sectores da Escola. Em 19 de Junho de 1990 coube à FLUP ser a primeira instituição no quadro da Universidade Portuguesa a outorgar o grau de doutor "honoris causa" a Sua Ex: o Presidente da República. Assinale-se ainda a continuação das obras do novo edifício da FLUP que, prosseguindo a bom ritmo, levarão à existência, a curto prazo, de um novo espaço de docência, estudo, investigação e convívio académico, onde novos desafios nos esperarão a todos - professores, alunos e funcionários - em termos de direitos conquistados e de deveres a cumprir. Será talvez o momento ideal para finalmente concretizar um modelo de funcionamento da Faculdade cujas linhas de força se paudem, cada vez mais, pelo profissionalismo, pela eficácia e pelo rigor, contornando deste modo uma por vezes excessiva dependência em relação a um espírito de boas vontades que, sempre louváveis, não chegarão para enfrentar o futuro dos anos 90.

Mas o primeiro grande desafio que se nos depara é já o do ano lectivo de 1990-91. Será seguramente mais um teste à capacidade de todos os que nesta casa trabalham. Será também um ano em que o Conselho Directivo, em colaboração com os demais órgãos de gestão e com a Associação de Estudantes, procurará empenhar-se no bom funcionamento de todas as actividades que na Faculdade tenham lugar. É também dentro desse espírito que se espera que o actual Guia possa valer como contributo importante.

Porto e Faculdade de Letras, Setembro de 1990

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.
Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso
"de venda de selos fiscais.
Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30

Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir

o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);

na Sala de Obras de Referência (livre acesso);

b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

a) Onomástico

b) Didascálico

c) CDU (Classificação Decimal Universal)

c) Cardex (Publicações Periódicas)

d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)

e) Base de dados local.

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1.Digite: GEAC.

2.Carregue tecla ENTER.

3.Digite: CAT.

4.Siga as instruções que aparecem no écran.

5.Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989

"Boletim Temático", Porto, 1990.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

- " de Estudos Norte Americanos
- " de Estudos Germanísticos
- " de Geografia
- " de Cultura Portuguesa
- " de Arqueologia
- " de Documentação Histórica Medieval
- " de Filosofia e História da Filosofia
- " de História de Arte
- " de Língua Portuguesa
- " de Literatura Comparada
- " de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa
- " de Sociologia

Sala Francesa

- " Brasileira
- " Espanhola
- " Neerlandesa
- " de História Moderna
- " de História Medieval

Centro de História

- " de Linguística
- " de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30

Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desempedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2^a a 6^a feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História (Variante Arte; Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est.

Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia
Sociologia.

Curriculos em vigor em 1990/91:

1º, 2º, 3º e 4º anos - Port. nº 850/87

4º ano - Dec. nº 53/78

4º ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

5º ano de Sociologia - Seminário de Investigação

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º e 4º anos).

b) Tradução (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Filosofia do Conhecimento

Arqueologia

Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

- a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;
- b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-

se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação e Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa e Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:
"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e
Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port/Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl. ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º e 4º anos de todas as variantes de LLM com línguas estrangeiras

a) Possibilidades:

Português-Inglês

Português-Alemão

Português-Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinatórias de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária publicação no Diário da República.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congêneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 24.07.90)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 38º, ponto 2, alínea a) dos Estatutos da Universidade do Porto, publicados no Diário da República, I série, nº178, de 4-8-89 e pelo Artº 13º, ponto 6, alínea a) dos Estatutos da Faculdade de Letras, publicados no Diário da República, II série, nº29, de 3-2-90, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidos pela Portaria nº886/83 de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 24-7-90 as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1990-91.

As normas agora propostas introduzem modificações pontuais no texto em vigor no ano lectivo de 1989-90. Chama-se a atenção, no entanto, para os novos artigos 10º e 11º.

CAPITULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, in-

dividuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação um trabalho escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obegeçam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º - Consulta dos testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias no sentido de resolver a situação.

Artº 6º - Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As datas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

Artº 10º - Afixação de notas das provas orais.

As notas das provas orais devem ser afixadas no próprio dia da prova.

Artº 11º - Casos de fraude.

1 - No início de cada prova o docente deverá informar claramente os alunos das condições de realização da prova.

2 - Em caso de fraude em flagrante susceptível de ser comprovada, o professor deverá anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3 - Caso haja suspeitas bem fundamentadas de fraude de que no entanto não se tenha podido fazer prova, deverá o docente comunicar todas as informações de que dispõe ao Conselho Pedagógico. O Conselho Pedagógico deverá tomar posição depois de ouvidas todas as partes envolvidas.

4 - No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à Secção Disciplinar do Senado Universitário.

CAPITULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 12º - Tipos de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de provas, tais como trabalhos de investigação, relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

& 1º - Os alunos deverão ser claramente informados sobre qual o número mínimo de provas necessárias para a aprovação.

& 2º - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

& 3º - As classificações da avaliação contínua devem ser afixadas em qualquer caso, indicando especificamente o resultado obtido em todos os momentos de avaliação realizados.

Artº 13º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1

teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Art.º 14º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno no mínimo em 2/3 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

§ único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º. os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art.º 15º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, submetendo-se à avaliação final em Julho, até ao fim do primeiro período de avaliação periódica (línguas vivas) e nas restantes disciplinas até à primeira aula da disciplina a seguir às férias da Páscoa.

Artº 16º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua poderão não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 17º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser

realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 18º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 19º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Artº 20º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria de nota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 21º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Artº 22º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deverá ser comunicada por escrito ao professor antes do final das aulas.

Artº 23º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos Leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Artº 24º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art. 6º.

§ Único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá

ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

Artº 25º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º.

Art. 26º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Artº 27º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Artº 23º.

Art.º 28º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Artº 29º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.

3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 18º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Calendário das provas em 1990-1991

(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 4 a 23 de Fevereiro de 1991

" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1991
Exame final - Época normal: de 1 a 20 de Julho de 1991 (provas escritas)

" - Época de recurso: de 9 a 21 de Setembro de 1991
(provas escritas).

Ramo educacional:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 4 a 23 de Fevereiro de 1991

" " - Segundas provas: 20 de Maio a 1 de Junho de 1991

Exame final - Época normal: 17 de Junho a 30 de Junho de 1991

" - Época de recurso: de 9 a 21 de Setembro de 1991

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88/89

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87/88

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)/89

Anexos desta série:

I - Problematícias em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

III - Duas Línguas em Contraste Português e Alemão: Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão, Porto, Instituto de Estudos Germanísticos, 1989

Geografia, 1985/86/87

Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984
I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Victor Hugo e Portugal. Actas do Colóquio (no Centenário da sua Morte) (Faculdade de Letras, Maio de 1985), Porto, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

Encontro de Literatura Sufia (15-17 de Maio de 1989), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos, 1989

Congresso Internacional "Bartolomeu Dias e a sua Época", 5 vols., Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, 1989

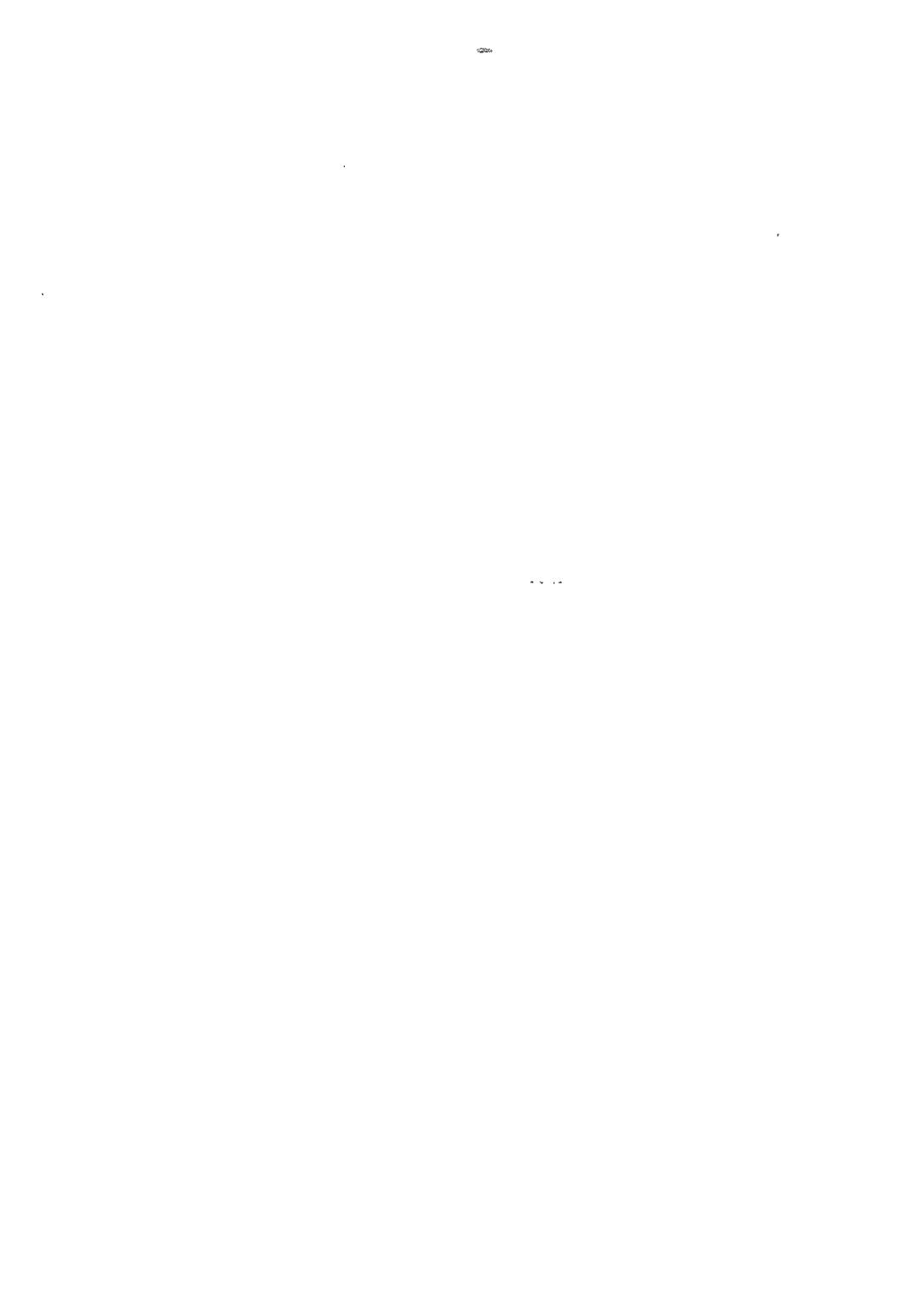
Faculdade de Letras do Porto 1919-1931: Contribuição Bibliográfica para a sua História, por Adriano Eiras, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989

Eça e "Os Maias". I Encontro Internacional de Queirosonianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Porto, Edições ASA, 1990

PROGRAMAS

Nota: 1. Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1990-91. As indicações constantes das bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

2. Em virtude do tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.



PRÉ-HISTÓRIA

Docente: Dr. João Pedro Cunha Ribeiro

0. INTRODUÇÃO

A emergência da Pré-história como ciéncia interdisciplinar. Principais técnicas e métodos de investigação. Tendências actuais da Arqueologia pré-histórica.

1. O MEIO AMBIENTE

As flutuações climáticas ao longo do Quaternário e a sua incidéncia nos diferentes biótipos. A Geologia do Quaternário e a génese das principais formações com interesse arqueológico.

2. O PROCESSO DE HOMINIZAÇÃO

Das teorias fixistas às teorias evolucionistas mais recentes. O problema da origem e evolução dos primeiros hominídeos. O Homo erectus, o Homo sapiens neanderthalensis e a questão da origem do Homo sapiens sapiens.

3. O PALEOLÍTICO

Principais testemunhos arqueológicos das sociedades paleolíticas. Meios de subsisténcia, organização do habitat e estrutura social ao longo do paleolítico. As primeiras manifestações de vida espiritual: as sepulturas e a arte.

4. O EPIPALEOLÍTICO E MESOLÍTICO

As novas condições ambientais e inovações técnicas e económicas dos caçadores-recolectores pós-glaciares.

5. O NEOLÍTICO

Do conceito de Neolítico às principais teorias sobre génese das primeiras sociedades de pastores e agricultores. O Neolítico no Próximo Oriente e na Europa. O fenómeno megalítico.

6. O CALCOLÍTICO E A IDADE DO BRONZE NA EUROPA

As origens da metalurgia e as sociedades de transição calcolíticas. A Idade do Bronze no Mar Egeu e na Europa: economia, sociedades e culturas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Indicam-se apenas as obras de fácil acesso e de consulta obrigatória. Outras indicações bibliográficas complementares serão apontadas ao longo do programa.

BRÉZILLON, Michel - Dictionnaire de la Préhistoire, Paris, Larousse, 1969

BINFORD, Lewis R. - En busca del pasado, Barcelona, Editorial Crítica, trad. espanhola, 1988

CHALINE, Jean - A Evolução Biológica Humana, Lisboa, Editorial Notícias, trad. protuguesa, 1984

- GUILAINE, Jean - La Préhistoire d'un continent à l'autre, Paris, Larousse, 1989
- HOOD, Sinclair - A Pátria dos Heróis, Lisboa, Editorial Verbo, s/d.
- HOURS, Francis - Les Civilisations du Paléolithique, Paris, P.U.F., 1982
- LEAKEY, Richard E. - As Origens do Homem, Lisboa, Editorial Presença, 1983
- LEROI-GOURHAN, A. - As Religiões da Pré-história, Lisboa, Edições 70, s/d
- " " " - Os Caçadores da Pré-história, Lisboa, Edições 70, s/d.
- RENAULT-MISKOVSKY, J. - L'Environnement au Temps de la Pré-histoire, Paris, Masson, 1985
- RENFREW, Colin - Before Civilization. The Radiocarbon Revolution and Prehistoric Europe, Penguin Books, s/d
- MELLAART, James - O Próximo Oriente, Lisboa, Editorial Verbo, s/d

Docente: Dr. José Maia Marques

1. Introdução.

- 1.1. Esquema da disciplina.
- 1.2. Fontes e bibliografia.
- 1.3. Quadros cronológico-geográficos.

2. Elementos da Civilização.

- 2.1. Elementos económicos.
- 2.2. Elementos técnicos.
- 2.3. Elementos sócio-políticos.
- 2.4. Elementos morais.
- 2.5. Elementos mentais.

2.6. O "processo de civilização".

3. O Oriente Pré-Clássico.

- 3.1. Quadro geral.
- 3.2. O Egípto.
- 3.3. A Mesopotâmia.
- 3.4. Os Fenícios e o comércio no Mediterrâneo.
 - 3.4.1. A civilização fenícia.
 - 3.4.2. As grandes regiões.
 - 3.4.3. A arte.
 - 3.4.4. Os Fenícios e os outros.
- 4. A Europa Pré-Clássica.
 - 4.1. Quadro geral.
 - 4.2. Os Celtas.
 - 4.3. Os Etruscos.
 - 4.4. A península Ibérica.
 - 4.5. A Cultura Castreja do Noroeste Peninsular.

BIBLIOGRAFIA

O Oriente Pré-Clássico

ALFRED, Cyril - Os Egípcios, Lisboa, Verbo, 1972

ERMAN, E.; RANKE, A. - La Civilisation Égyptienne, Paris, Ed. Payot, 1979

GARELLI, Paul - El Próximo Oriente Asiático, Barcelona, Labor, 1980 (trad. Brasileira não aconselhável)

* LAFFORGUE, Gilbert - A Alta Antiguidade, "História Universal", vol. 1, Lisboa, D. Quixote, 1979

PRITCHARD, J. B. - Ancient Near Eastern Texts, Princeton, University Press, 1974

ROUX, G. - La Mésopotamie, Paris, Ed. du Seuil, 1985

* TAVARES, António Augusto - As Civilizações Pré- Clássicas. Guia de Estudo, Lisboa, Estampa, 1980

"- Economia e História Antiga, Lisboa, Presença, 1987

"- Impérios e propaganda na Antiguidade, Lisboa, Presença, 1989
Os Fenícios

LETE, G. del Olmo; AUBET, M. E. - Los Fenicios en la Península Iberica, "Aula Orientalia", 3-4, Barcelona, 1985/86

* MOSCATI, Sabatino (dir.) - I Fenici, Milão, Bonfanti, 1988

PARROT, A.; CHEHAB, M. H.; MOSCATI, S. - Los Fenicios, Madrid,
Aguilar, 1975

A Europa Pré-Clássica

BLOCH, Raymond - Os Etruscos, Lisboa, Verbo, 1973

DEL MASO, Cinzia; VENDETTI, Antonio - Le Città degli Etruschi,
Firenze, Bonechi, 1984

* GUYONVARCH, C. J.; LE-ROUX, F. - La Civilisation Celte,
renes. Ogam/Celticum, 1980

KRUTA, Vencelas - Les Celtes en Occident, Paris, Ed. Atlas, 1985

* PIGGOTT, Stuart - A Europa Antiga, Lisboa, F. C. Gulbenkian,
1981

POWELL, T. G. E. - Os Celtas, Lisboa, Verbo, 1974

A Península Ibérica

ALARÇÃO, Jorge de - Portugal Romano, Lisboa, Verbo, 1983

BLAZQUEZ, J. M. eoutros - História de España Antigua, Tomo I,
Madrid, Ediciones Cátedra, 1980

* SILVA, Armando Coelho Ferreira da - A Idade dos Metais em
Portugal, "História de Portugal", Vol. I, Lisboa, Alfa, 1984

*"- A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal, Paços de
Ferreira, Museu de Sanfins, 1987

TUÑON DE LARA, Manuel (dir.) - Historia de España, Vol. I,
Barcelona, Labor, 1982

AA. VV. - Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antigua de
Galicia, Santiago, Inst. P.Sarmiento/Univers. de Santiago, 1983

Nota: Tema a tema serão fornecidos elementos bibliográficos mais
específicos.

Docente: Prof. Doutor Vítor Oliveira Jorge

1. Introdução.

1.1. O que se deve entender por "Civilizações Pré-Clássicas" numa perspectiva de História Universal.

1.2. Problemática da origem do Estado e da Civilização: conceitos operatórios e principais teorias na análise e compreensão das primeiras sociedades complexas.

2. O Próximo Oriente.

2.1. Mesopotâmia.

2.1.1. O desenvolvimento histórico. Antecedentes pré-históricos: a neolitização (X^o-VI^o mil. a.C.); Pré-dinástico (VI^o-III^o mil. a.C.); Dinástico Antigo (III^o mil. a.C.); Período acádico (III^o mil. a.C.); Guti e II^o Dinastia de Ur (III^o mil. a.C.); Babilónia (II^o-I^o mil. a.C.); Assíria (II^o-I^o mil. a.C.)

2.1.2. Características da civilização mesopotâmica.

2.2. Egito.

2.2.1. O desenvolvimento histórico. Antecedentes pré-históricos: neolitização (VI^o-V^o mil. a.C.); Período dinástico (V^o-IV^o mil. a.C.); Época tinita (I^o-II^o dinastias) (IV^o-III^o mil. a.C.); Império Antigo (III^o-VI^o dinastias) (III^o mil. a.C.); Primeiro período Intermédio (VII^o-X^o dinastias) (III^o mil. a.C.); Império Médio (XI^o-XII^o dinastias) (III^o-II^o mil. a.C.); Segundo período Intermédio (XIII-XVII^o dinastias) (II^o mil. a.C.); Império Novo (XVIII^o-XX^o dinastias) (II^o mil. a.C.); Terceiro Período Intermédio (XXI^o-XXIV^o dinastias) (II^o-I^o mil. a.C.); Época Baixa (XXV^o-XXXII^o dinastias) (I^o mil. a.C.)

2.2.2. Características da civilização egípcia.

3. América

3.1. Meso-América.

3.1.1. O desenvolvimento histórico: origens da agricultura e sedentarização (Período Arcaico) (X^o-III^o mil. a.C.); Período Formativo (ou Pré-Clássico) (III^o mil. a.C.-300 d.C.). olmecas; Período Clássico (300-900). Monte Albán. Teotihuacán. Maias; Período Pós-Clássico (900-1520). Toltecas. Aztecas.

3.1.2. Características das civilizações meso-americanas.

3.2. Região Andina (Peru e Bolívia).

3.2.1. O desenvolvimento histórico. Origens da agricultura e sedentarização (Período Arcaico) (X^o-II^o mil. a.C.); Período Formativo (1200 a.C.-100 d.C.). Chavín. Paracas; Período Clássico (100-sécs.IX/X). Mochica. Nazca. Tiahuanaco. Huari; Período Pós-Clássico (1000-1534). Chimú. Incas.

3.2.2. Características das civilizações andinas.

4. Ásia Meridional: a Civilização do Indo (III^o-II^o mil. a.C.)

5. Extremo Oriente: China

5.1. Desenvolvimento histórico: Antecedentes pré-históricos: a neolitização (VI^o-II^o mil. a.C.); Dinastia Shang ("Civilização ar-

caica") (II^o mil. a.C.); Dinastia Chou ("Período Clássico") (I^o mil. a.C.); "Período Imperial" (séc. III a.C.-séc. III d.C.). Dinastia Ch'in. Dinastia Han.

5.2. Características da civilização chinesa.

6. S.E. da Europa: Egeu.

6.1. O desenvolvimento histórico. Antecedentes pré-históricos: a neolitização (VI^o-IV^o mil. a.C.); Civilização Minóica: Minóico antigo (III^o mil. a.C.); Minóico médio I/II (III^o-II^o mil. a.C.); Minóico médio III/M. recente I/II (II^o mil. a.C.); Civilização micénica: Antecedentes-Heládico antigo, médio e recente I/II (III^o-II^o mil. a.C.); Heládico recente III (II^o mil. a.C.)

6.2. Características das civilizações egeias.

7. Retrospectiva: linhas de força explicativas da origem e desenvolvimento das "sociedades complexas" e, entre elas, dos "primeiros Estados".

BIBLIOGRAFIA

- ALDRED, Cyril - Os Egípcios, Lisboa, Ed. Verbo, s/d
- COTTERELL, Arthur (ed. de) - Historia de las Civilizaciones Antiguas, 2 vols., Barcelona, Ed. Crítica, 1985
- EFFENTERRE, Henri van - Les Égéens, Paris, Armand Colin, 1986
- FAVRE, Henri - A Civilização Inca, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987
- GENDROP, Paul - A Civilização Maia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987
- KRAMER, S.N. - Os Sumérios, Lisboa, Liv. Bertrand, 1977
- LÉVÉQUE, Pierre (coord. de) - As Primeiras Civilizações, vol. 1. Os Impérios do Bronze, Lisboa, Ed. 70, 1990
- MALLOWAN, M.E.L. - Mesopotâmia e Irão, Lisboa, Ed. Verbo, s/d.
- RENFREW, Colin - Les Origines de l'Europe. La Révolution du Radiocarbone, Paris, Flammarion, 1983 (há trad. espanhola)(cap.10).
- RIBEIRO, Orlando - Três Civilizações ameríndias, Iniciação em Geografia Humana, lisboa, Ed. J. Sá da Costa, 1986, pp.136-151
- ROUX, Georges - La Mésopotamie, Paris, Ed. du Seuil, 1985
- SERVICE, Elman R. - Les Orígenes del Estado y de la Civilización, Madrid, Alianza Ed., 1984
- SOUSTELLE, Jacques - A Civilização Azteca, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987
- VÁRIOS - Le Grand Atlas de l'Archéologie, Encyclopaedia Universalis France, 1985 (há trad. espanhola)
- " - Historia de Iberoamérica. Tomo I. Prehistoria e Historia Antigua, Madrid, Ed. Cátedra, 1987
- " - Past Worlds. The Times Atlas of Archaeology. Times Books Limited, 1988
- " - Les Civilisations Égées du Néolithique et de l'Age du Bronze, paris, P.U.F., 1989
- VERCOUTTER, Jean - L'Égypte Ancienne, Paris, P.U.F., 1985
- WATSON, William - A China Antiga, Lisboa, Ed. Verbo, s/d.
- WHEELER, Mortimer - O Vale do Indo, Lisboa, Ed. Verbo, s/d

WHITEHOUSE, David e Ruth - Archaeological Atlas of the World, San Francisco, W.H. Freeman and Company, 1975

WHITEHOUSE, Ruth e WILKINS, John - L'Aube des Civilisations, Paris, Bordas, 1987

SOCIEDADES, CULTURAS E CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS

Docente: Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida

GRÉCIA

1. Idade do Bronze

- 1.1. As Cíclades e Chipre.
- 1.2. Creta.
- 1.3. Civilização Micénica.

2. O mundo Homérico

3. A Época Arcaica

- 3.1. O desenvolvimento das "poleis".
- 3.2. Agricultura e problemas sócio-políticos.
- 3.3. Colonização.

4. A Época Clássica

- 4.1. Esparta.
- 4.2. Atenas.
- 4.3. As cidades gregas e sua política sócio-económica.

5. O Mundo Helenístico

6. A Cultura Grega

7. A Religião Grega

BIBLIOGRAFIA

- AUSTINS, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre - Économies et Sociétés en Grèce Ancienne, Paris, Armand Colin, 1972
- EFFENTERRE, Henri van - Les Égéens, Paris, Armand Colin, 1986
- " " - Mycennes. Vie et mort d'une civilisation, Paris, A. Colin, 1985
- FINLEY, Moses I. - Les Premiers Temps de la Grèce: l'âge du bronze et l'époque archaïque, Paris, Flammarion, 1980
- " " - A Economia Antiga, Lisboa, Ed. Afrontamento, 1980
- " " - O Mundo de Ulisses, Lisboa, Ed. Presença, 1980
- FREIRE, António - O Teatro Grego, Braga, Publ. Fac. de Filosofia, 1985
- GERNET, Louis - Anthropologie de la Grèce Antique, Paris, Flammarion, 1982
- HAMILTON, Edith - A Mitologia, Lisboa, Publ. D. Quixote, 1979
- LEVÈQUE, Pierre - Le Monde Hellénistique, Paris, Armand Colin, 1969
- MOSSE, Cl. - Les Institutions Grecques, Paris, Armand Colin, 1967
- PEREIRA, M^a Helena da Rocha - Estudos da História da Cultura Clássica, vol. 1, 5^a ed., Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1980
- " " " - Hélade, Coimbra, Instituto de

Estudos Clássicos, 1972

VEYNE, Paul - Acreditaram os Gregos nos seus mitos?, Lisboa, Ed. 70, 1987

ROMA

1. As Origens de Roma

2. Roma dos Reis

3. República Romana

- 3.1. Evolução política.**
- 3.2. Sociedade.**
- 3.3. Economia.**
- 3.4. Expansão.**

4. Império Romano

- 4.1. O Século de Augusto.**
- 4.2. A Crise do século III.**
- 4.3. Diocleciano e a Restauração do Império.**
- 4.4. Monarquia Constantina.**

5. Religião

- 5.1. A Religião tradicional.**
- 5.2. Cristianismo.**

6. Romanização da Península Ibérica

BIBLIOGRAFIA

ALARÇÃO, J. - Portugal Romano, Lisboa, Ed. Verbo, 1974

DONINI, Ambroglio - História do Cristianismo, Lisboa, Ed. 70, 1980

DUMÉZIL, G. - La Religion Romaine archaïque, Paris, Payot, 1966

GLAY, Marcel de - La Religion Romaine, Paris, Armand Colin, 1971

GRIMAL, Pierre - La Civilisation Romaine, Paris, Flammarion, 1981

HARMAND, L. - Société et Économie de la République Romaine, Paris, Armand Colin, 1976

HEURGON, Jacques - Rome et la Méditerranée Occidentale jusqu'aux Guerres Puniques, Col. Nouvelle Clio, 1980

HOMO, Léon - Les Institutions politiques Romaines, Paris, Albin Michel, 1970

LOT, Ferdinand - O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média, Lisboa, Ed. 70, 1985

MARTINO, F. de - História Económica da Roma Antiga, 2 vols., 1985

PIGANIOL, A. - Histoire de Rome, 5^a ed., Paris, 1962

PETIT, P. - La Paix Romaine, Col. Nouvelle Clio, Paris, 1962

PEREIRA, M^a Helena da Rocha - Estudos de História da Cultura Clássica, vol. II, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 1984

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA

Docentes: Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem
Dr. José Augusto Sotto-Mayor Pizarro
Dr. Amélia Polónia da Silva
Dr. Ivo Carneiro de Sousa

1. Da historiografia e dos historiadores: dos alvores da "crítica histórica" à erudição oitocentista; Annales, "Nouvelle Histoire" e historiografia(s) 'post-moderna(s)'.
2. Fontes, factos, dados: "história-documento" e "história-problema"; elaboração da fonte/construção do facto.
3. Teoria e tipologia das fontes. Fontes e "obras culturais".
Sítio e situação. Colecção, inventariação, catalogação.
4. A prática historiográfica: lugar e tempo(s) do historiador.
5. Que historiografia para o século XXI?

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé - Écoles (Les) historiques, Paris, Seuil, 1983
- BRAUDEL, Fernand - Écrits sur l'Histoire, Paris, Flammarion, 1969 (trad. port.: História e Ciências Sociais, Lisboa, Presença, 1972)
- CARBONELL, Charles-Olivier - Historiografia, trad. port., Lisboa, Teorema, 1987
- Certezas e incertezas da História. Três colóquios sobre História no Instituto Colegial Europeu, dir. por Gilbert GADOFFRE, trad. port., Lisboa, Pensamento, 1988
- CHARTIER, Roger - História (A) Cultural: entre práticas e representações, trad. port., Lisboa, Difel, 1988
- Dictionnaire des sciences historiques, dir. por André BURGUIÈRE, Paris, P.U.F., 1986
- Enciclopédia Einaudi, dir. por Ruggiero ROMANO, ed. port. coord por Fernando GIL, 1. Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984
- Fazer História, dir. por Jacques LE GOFF e Pierre NORA, 1. Novos problemas, 2. Novas contribuições, 3. Novos objectos, trad. port., Amadora-Venda Nova, Bertrand, 1977-81-97
- FURET, François - Oficina (A) da História, trad. port., Lisboa, Gradiva, s.d.
- GODINHO, Vitorino Magalhães - Ensaios, III. Sobre Teoria da História e Historiografia, Lisboa, Sá da Costa, 1971
- Historiografia (La) en Occidente desde 1945. Actitudes, tendencias y problemas metodológicos, ed. V. VAZQUEZ DE PRADA et al., Pamplona, EUNSA, 1985
- Nouvelle (La) Histoire, dir. por Jacques LE GOFF et al., Paris, Retz-C.E.P.L., 1978

Docente: Dr. António Cardoso

I - Arquitectura.

1. Os elementos da construção.
 - 1.1. Muros e vãos.
 - 1.2. Suportes e coberturas.
 - 1.3. Decoração.
2. A representação da arquitectura.
3. Arquitectura religiosa.
 - 3.1. Templo.
 - 3.2. Igreja.
 - 3.3. Mosteiro.
4. Arquitectura militar.
5. Arquitectura civil.
6. Arquitectura dos jardins e da água.

II - Pintura.

1. Noção de perspectiva, composição e cor.
2. Suportes, materiais e técnicas.
 - 2.1. Fresco.
 - 2.2. Témpora.
 - 2.3. Óleo.
 - 2.4. Acrílico.
 - 2.5. Pastel.
 - 2.6. Aguarela.
 - 2.7. Gouache.
 - 2.8. Encaustica.
3. Os Géneros da pintura.

III - Escultura.

1. Tipos, materiais e técnicas.

IV - Artes decorativas.

1. Vocabulário e técnicas.
 - 1.1. Azulejo.
 - 1.2. Cerâmica.
 - 1.3. Vidro.
 - 1.4. Esmalte.
 - 1.5. Mobiliário.
 - 1.6. Têxteis.

V - Noções básicas de conservação e restauro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BONET-CORREA (dir. de) - Historia de las Artes Aplicadas e Industriales en España, <manuales Arte, Madrid, Cátedra, 1982
- KOCH, Wilfried - Estilos de Arquitectura I e II, Lisboa, Presença, 1985
- TEIXEIRA, Luís Manuel - Dicionario ilustrado de Belas-Artes, Lisboa, Presença, 1985
- Atlas d'Architecture Mondiale. Des Origines à Bysance, Paris, Ed. Stock, 1978

Guía Completo de Pintura y Dibujo, Madrid, Hermann Blume, 1982
Guía Completo de Escultura, Modelado y Cerámica, Madrid, Hermann Blume, 1982
Técnicas de los grandes Maestros de la Alfarería e Cerámica, Madrid, Hermann Blume, 1985
Principes d'Analyse Scientifique. La Sculpture. Méthode et Vocabulaire, Paris, M.C.C., 1978
Principes d'Analyse Scientifique. Architecture. Méthode et vocabulaire, 2 vols., Paris, M.C.C., 1972
Principes d'Analyse Sientificque. Objets civils domestiques, Paris, M.C.C., 1984

INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA

Docentes: Dr. Mário Jorge Barroca
Dr. João Pedro Cunha Ribeiro

1. Introdução
 - 1.1. Origem e desenvolvimento da investigação arqueológica
 - 1.2. A "revolução" metodológica e teórica na segunda metade do nosso século
2. Documentos arqueológicos
 - 2.1. Artefactos, estações e monumentos
 - 2.2. Outros documentos
3. Prospecção
 - 3.1. Descobertas fortuitas e acidentais
 - 3.2. Prospecção sistemática
 - 3.2.1. Fontes toponímicas, orais e documentais
 - 3.2.2. Cartografia e fotografia aérea
 - 3.2.3. Métodos científicos de prospecção
 - 3.2.4. Elaboração da Carta Arqueológica
4. Escavação
 - 4.1. Topografia
 - 4.2. Métodos de escavação
 - 4.3. Registo
 - 4.4. Estratigrafia e interpretação estratigráfica
5. A Arqueologia e os laboratórios
 - 5.1. Geoarqueologia, arqueobotânica e zooarqueologia
 - 5.2. Métodos de datação absoluta
6. Estudo do espólio arqueológico
 - 6.1. A classificação tipológica: princípios gerais e implicações decorrentes da sua aplicação
 - 6.2. Espólio lítico, cerâmico, metálico e ósseo: estudo e restauro
7. Investigação arqueológica em Portugal
 - 7.1. Legislação em vigor
 - 7.2. Instituições

BIBLIOGRAFIA

1. Obras de leitura obrigatória:
CHILDE, Vicent Gordon - Introdução à Arqueologia, Lisboa, Publicações Europa-América, s/d
MOBERG, Carl-Axel - Introdução à Arqueologia, lisboa, Edições 70, s/d

2. Outras obras recomendadas:
- BINFORD, Lewis R. - En Busca del Pasado, Barcelona, Editorial Crítica, 1988
- BOUARD, Michel de - Manual de Arqueología Medieval, Barcelona, Teide, 1977
- CAMPS, Gabriel - Manuel de recherche Préhistorique, paris, Doin, 1980
- CLARKE, David L. - arqueología Analítica, Barcelona, Ediciones Bellaterra, S.A., 1984
- COLES, John - Arqueología Experimental, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977
- COURBIN, Paul - Qu'est-ce que l'Arqueologie?, Paris, Payot, 1982
- DANIEL, Glyn - História de la Arqueología. De los Antiguos a V. Gordon Childe, Madrid, Alianza Editorial, 1974
- " " - Introdução à Pré-História, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1964
- GALLAY, Alain - L'Archéologie Demain, Paris, Pierre Belfond, 1986
- HODDER, Ian - Interpretación en Arqueología. Corrientes Actuales, Barcelona, Editorial Crítica, 1988
- LAMING-EMPERAIRE, Annette - La Découverte du Passé, Paris, Editions A. et J. Picard & Cie, 1952
- " " " - L'Archéologie Préhistorique, Paris, Editions du Seuil, 1963
- " " " - Origines de l'Archéologie Préhistorique en France, Paris, Editions A. et J. Picard & Cie, 1964
- LEROI-GOURHAN, André - Les fouilles préhistoriques. Techniques et méthodes, Paris, Editions A. et J. Picard & Cie, 1950
- " " " - "As vias da História antes da escrita", in Fazer História, vol. I, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d
- RENAULT-MISKOVSKY, J. - L'Environnement au Temps de la Pré-Histoire. Méthodes et Modèles, Paris, Masson, 1985
- SCHNAAP, Alain - "A Arqueologia", in Fazer História, vol. II, Lisboa, Livraria Bertrand, 1981
- SCHNAAP, Alain (ed.) - L'Archéologie Aujourd'hui, Paris, Hachette, 1980
- WATSON, Patty Jo; LEBLANC, Steven A.; e REDMAN, Charles L. - El Método Científico en Arqueología, Madrid, Alianza Universidad, 1974

HISTÓRIA DA ARTE ANTIGA

Docente: Dr. Celso dos Santos

I.

1. As Civilizações do Próximo e Médio oriente Antigos (3.000 a.C.-651 d.C.): enquadramento geográfico e histórico.
 2. A arte no Egipto (3.000 a.C.-30 a.C.).
 - 2.1. A arquitectura religiosa.
 - 2.2. A arquitectura funerária.
 - 2.3. A escultura no Império Médio e no Império Novo .
 - 2.4. Técnicas e temas da pintura do Egipto faraónico.
 3. A arte na Mesopotâmia (3.000 a.C.-539 a.C.).
 - 3.1. A arquitectura religiosa.
 - 3.2. A escultura neo-suméria.
 - 3.3. A guerra na arte da Mesopotâmia.

II.

1. A Civilização Creto-Micénica: enquadramento geográfico e histórico.
 2. A arquitectura Minóica.
 3. A arquitectura Micénica.
 4. Técnicas e temas da pintura Creto-Micénica.

III. A Civilização Grega: enquadramento geográfico e histórico.

1. A arquitectura - técnicas, materiais e concepção espacial.
 - 1.1. As ordens arquitéctónicas.
 - 1.2. O Templo - origem e finalidade.
 - 1.3. O teatro.
2. A escultura.
 - 2.1. Técnicas e materiais.
 - 2.2. Iconografia, encomenda e destino das obras.
 - 2.3. Os estilos e a evolução plástica da escultura helénica.

IV. As Civilizações helenísticas: enquadramento geográfico e histórico.

1. A arquitectura.
2. A escultura.
3. A "Koiné" artística helenística e a sua expansão de Oriente para Ocidente.

V. A Civilização etrusca - enquadramento geográfico e histórico.

1. As arquitecturas religiosa e funerária.

VI. A Civilização Romana - enquadramento geográfico e histórico.

1. A arquitectura.
 - 1.1. Técnicas, materiais e formas da arquitectura romana republicana e imperial.
 - 1.2. As ordens arquitéctónicas romanas.
 - 1.3. Urbanismo e arquitectura na Roma Imperial.
 - 1.4. A arquitectura romana na Península Ibérica - formas romanas

e formas autóctones.

- 1.5. A "Possante Austeridade" dos programas construtivos romanos: "Tempo" e arquitectura.
 2. A escultura.
 - 2.1. O retrato.
 - 2.2. O relevo histórico.
 3. A Pintura.
 - 3.1. Técnicas e temas da pintura romana.
 - 3.2. A pintura ilusionista.
 4. O Classicismo - importância e significado.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALARÇAO, J. - Portugal Romano, Editorial Verbo, Lisboa, 1983
- BECATTI, G. - The art of ancient greece and Rome. From the rise of Greece to the fall of Rome. Thames and Hudson, London, 1968
- BONNARD, A. - A Civilização Grega, Estúdios Cor, Lisboa, 1972
- CENIVAL, Jean-Louis de - Égypte. Époque Pharaonique, Friburg, Office du Livre, 1964, 191 pp.
- DEVAMBEZ, P. - Histoire mondiale de la sculpture, Grèce, Hachette réalité, Paris, 1978
- " " - La peinture grecque, Éditions du Pont-Royal, Paris, 1962
- DESHAYES, Jean - Les Civilisations de l'Orient Ancien, Paris, Arthaud, 1969, 673pp.
- DESROCHES-NOBLECOURT, Christiane - L'Art Égyptien, paris, Presses Universitaires de France, 1962, 184 pp.
- FINLEY, M. - Les premières temps de la Grèce: L'Âge du Bronze et l'époque archaïque, Flammarion, Paris, 1980
- GARCIA Y BELLIDO, A. - Arte Romana, C.S.I.C., Madrid, 1950
- " " " - Esculturas romanas de Espanha y Portugal, C.S.I.C., Madrid, 1949
- GODIVIER, Jean-Louis (e notas) - Atlas d'architecture mondiale. Des origines à Byzance, Éditions Stock et Librairie Générale Française, Paris, 1978
- HAMILTON, E. - A Mitologia, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1979
- HAYNES, D. - Greek and the idea of freedom, Thames and Hudson, London, 1981
- HOMANN-WEDEKING, E. - La Gréce archaïque, Albin Michel, Paris, 1966
- KAHLER, H. - Rome et son empire, Albin Michel, Paris, 1963
- KRAUS, T. - Histoire mondiale de la sculpture, Rome, Hachette réalité, Paris, 1980
- LLOYD, Seton - L'Art ancien du Proche-Orient, Paris, Librarie Larousse, 1964, 302 pp.
- MARTIN, Roland - Monde Grec. Architecture Universelle. Office du Livre, Friburg, 1964
- MATZ, F. - La Gréce et la Gréce primitive, Albin Michel, Paris, 1962
- MEKHITARIAN, Arpag - La Peinture Égyptienne, Genève, Skira, 1978, 164 pp.
- NORBERG-SCHULZ, Christian - La signification dans l'architecture occidentale, Pierre Mardegá, Bruxelles, 1977

- PICARD, Gilbert - Empire Romain, Architecture Universelle, Office du Livre, Friburg, 1964
- SCHEFOLD, K. - La Gréce Classique, Albin Michel, Paris, 1967
- STRONG, D. - Roman Art, Harmondworth, 1976
- WOLDERING, Irmgard - Égypte. L'Art des pharaone, Paris, Albin Michel, 1963, 247pp.
- WOOLLEY, Leonard - Mésopotamie. Asie Antérieure. L'Art Ancien du Moyen - Orient, Paris, Albin Michel, 1961, 262pp.

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

Docente: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.

2. A cidade medieval.

2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.

2.2. Administração municipal durante a Idade Média.

2.3. Vectores de desenvolvimento económico.

2.4. A Cidade e o Termo.

3. O Porto na época moderna.

3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.

3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.

4. O Porto no século de Oitocentos.

4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.

4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.

Sugestões de temas para investigação

. O Porto e a expansão portuguesa.

. Instituições de cultura na cidade.

. O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).

. Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipal i Portucalensi asservantur..., 5 vols., 1911-1961

Coleção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938
COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2^a edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Coleção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

Docente: Dr. Agostinho Araújo

- I. Problemática de uma ciência jovem.
0. Introdução.
 - 0.1. Historicidade e especificidade da Arte.
 - 0.2. A Arte e a Sociedade, hoje.
 - 0.3. A Sociologia e sua crescente subespecialização.
1. Evolução da estética sociológica.
 - 1.1. Um precursor: Diderot.
 - 1.2. Os fundadores da Sociologia Geral perante a actividade artística.
 - 1.3. Tentativas de enfoques sociológicos de alguns críticos e filósofos.
 - 1.3.1. H. Taine.
 - 1.3.2. J. M. Guyau.
 - 1.3.3. Ch. Lalo.
 2. Tendências sociológicas na Historiografia da Arte.
 - 2.1. A Escola de Viena (A. Riegl, F. Wickoff, M. Dvorak, H. Sedlmayr).
 - 2.2. Influência da Escola de Viena.
 - 2.2.1. F. Antal.
 - 2.2.2. W. Weisbach.
 - 2.3. Warburg e os seus discípulos.
 - 2.3.1. A. Warburg.
 - 2.3.2. F. Saxl.
 - 2.3.3. O Instituto Warburg.
 - 2.3.4. E. Panofsky.
 - 2.4. W. Benjamin.
 - 2.5. Os marxistas (M. Eaphael, A. Hauser, E. Fischer, N. Hadjinicolaou).
 3. A Sociologia Arte fundada por Pierre Francastel.
 - 3.1. Fundamentação global.
 - 3.2. Conceitos operatórios.
 - 3.3. Programa de pesquisa.
 - II. Amostragem de Análises práticas
 0. Carácter ainda fragmentário dos ensaios "de campo" no domínio da sociologia das artes visuais.
 1. Sociologia das condições sociais de criação.
 - 1.1. Mecenato.
 - 1.2. Programa imposto.
 - 1.3. Responsabilidade político-cultural de Estado.
 - 1.4. Arte oficial.
 2. Sociologia da criação.

- 2.1. Estatuto social dos artistas.
- 2.2. Organização de trabalho e tipos sociais de artistas.
- 2.3. Os objectos figurativos: ampla exemplificação.
- 3. Sociologia das condições sociais de utência.
 - 3.1. Instituições (Galerias, Exposições, Concursos).
 - 3.2. Modas.
 - 3.3. Meios de publicidade.
 - 3.4. Técnicas de reprodução.
- 4. Sociologia da utência.
 - 4.1. Colecções.
 - 4.2. Frequência de museus.
 - 4.3. Consumo de literatura artística.
 - 4.4. Níveis de gosto .

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANTAL, Frederik - Florentine Painting and its Social Background, London, Routledge and Kegan Paul, 1948
- "- Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978
- BASTIDE, Roger - Arte e Sociedade, 2^a ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971
- BAYER, Raymond - História da Estética, Lisboa, Estampa, 1979
- BEKER, Howard - Mundos artísticos e tipos sociais, in "Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 9-26
- BENJAMIN, Walter - A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução, in "Sociologia da Arte - IV", Rio de Janeiro, Zahar, 1969, pp. 15-47
- BOURDIEU, Pierre - Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 43-80
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. - L'amour de l'art. Les musées et leur public, Paris, Minuit, 1966
- DAMISCH, Hubert; DE SETA, C. e outros - Artes/ Artista/ Objeto/ Produção artística/ Atribuição Artesanato, in "Enciclopédia Einaudi", vol. 3, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 11-211
- DEINHARD, Hanna - Reflections on Art History and Sociology of Art, in "Art Journal", New York, 25 (1), 1975, pp. 29-32
- DIDEROT/FALCONET - Le Pour et le Contre, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1958
- DORFLES, Gillo - Oscilações do gosto, Lisboa, Horizonte, 1974
- "- Símbolo, comunicación y consumo, 2^a ed., Barcelona, Lumen, 1975
- FERRIER, Jean-Louis - La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art, Paris, Denoel, 1975

- "- Holbein. Les Ambassadeurs. Anatomie d'un chef-d'œuvre, Paris, Denoel, 1977
- FISCHER, Ernst - A Necessidade da Arte, 9^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- FRANCASTEL, Galienne - Sociologie de l'Art et notion d'influence: problèmes des finalités, "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire. L'œuvre et l'influence de Pierre Francastel", Paris, Denoel, 1976, pp. 21-28
- FRANCASTEL, G.; FRANCASTEL, P. - Le Portrait - 50 siècles d'humanisme en peinture, Paris, Hachette, 1969
- FRANCASTEL, Pierre - L'impressionisme, 2^a ed., Paris, Denoel, 1974
- "- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984
- "- Histoire de la Peinture Française, 3^a ed., 2 vols., Paris, Gouthier, 1971
- "- Problèmes de la sociologie de l'art, "Traité de Sociologue" (direc. G. Gurvitch), 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963, vol. II, p. 278-296
- "- L'Esthétique des Lumières, in "Utopie et institutions au XVIII^e siècle. Le pragmatisme des Lumières", Paris - La Haye, Mouton, 1963 (Actes du Colloque de Nancy, 1959, École Pratique des Hautes Études), pp. 331-357
- "- A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte, São Paulo, Perspectiva, 1982
- "- L'image, la vision et l'imagination, Paris, Denoel, 1983
- "- Études de Sociologie de l'Art. Crédation picturale et société, Paris, Denoel, 1970
- FRANÇA, José Augusto - Prefácio, a "Arte e Técnica nos séculos XIX e XX" (de P. Francastel), Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 5-14
- "- Lisboa, Pombalina e o Iluminismo, 2^a ed., Lisboa, Bertrand, 1977
- "- Le "fait artistique" dans la sociologie de l'art, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire" (cf. supra), pp. 127-136
- "- Sobre História (Sociológica) da Arte, Lisboa, 1981, sep. de "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras"
- "- Temas de história e de sociologia da arte, in "Quinhentos Folhetins", I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 73-93
- FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
- GUYAU, J. M. - L'art au point de vue sociologique, 9^a ed., Paris, Félix Alcan, 1912
- HADJINICOLAOU, Nicos - L'object de la discipline de l'Historie de l'Art et le temps de l'Histoire des Arts, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation..." (vd. supra), pp. 41-53
- "- História da Arte e movimentos sociais, Lisboa, Edições 70, 1978
- "- La producción artística frente a sus significados, Mexico, Siglo Veintiuno, 1981
- HAUSER, Arnold - Sociología del Arte, 5 vols., Madrid, Guadarrama,

1975-1977

"- Teorias da Arte, 2^a ed., Lisboa, Presença, 1978

"- A Arte e a Sociedade, Lisboa, Presença, 1984

LALO, Charles - L'Art et la vie sociale, Paris, Gaston Doin, 1921

MANDROUX-FRANÇA, M.-T. - Information et "Mass-Media" au XVIII^e

Siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal, Braga, 1974,

sep. de "Bracara Augusta", XXVII

Docentes: Dr. Agostinho Araújo

Dr. António Cardoso

1. O neoclassicismo:

Influências inglesa, italiana e francesa na arquitectura. O escultor João José de Aguiar. A pintura: Vieira Portuense; Domingos António de Sequeira; a oficina do Palácio da Ajuda; a "Escola do Porto" (José Teixeira Barreto, Joaquim Rafael, João Baptista Ribeiro). Artes decorativas. Alguns colecionadores.

2. A escultura naturalista:

Soares dos Reis: o romantismo e o realismo. Simões de Almeida e Texeira Lopes: o triunfo do naturalismo. A longa sobrevivência desta estética nas escolas de Lisboa e Porto e no gosto dominante.

3. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitectura do Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

4. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979

CHICÓ, Mário Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973

COSTA, Luís Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939

FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2^a ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981

"- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482

"- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974

"- Amadeo de Souza-Cardoso, 2^a edição, Lisboa, Inquérito, 1972

"- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973

"- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor, 1974

"- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca Breve, 1979

GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Talha no noroeste de

Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara Municipal do Porto,
vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184

MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado, Porto, Lopes
da Silva, 1945

SANTOS, Reynaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3 vols.,
Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970

SMITH, Robert C. - The Art of Portugal. 1500-1800, London/New York,
Meredith Press, 1968

ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols., Lisboa,
Arcádia, 1979

Docentes: Prof. Doutor Joaquim Jaime B. Ferreira Alves

1. Introdução.
- 1.1. Funções das cidades.
- 1.2. Planos geomórficos, concéntricos e ortogonais.
- 1.3. A cidade do Egípto Faraónico e na Mesopotâmia.
- 1.4. A cidade cretense e micénica.
2. Grécia Antiga.
- 2.1. O nascimento e desenvolvimento da cidade grega.
- 2.2. A colonização e o aparecimento de novas cidades.
- 2.3. A cidade em Platão e Aristóteles.
3. Urbanismo helenístico - da polis à megapolis.
4. A cidade romana.
 - 4.1. O urbanismo etrusco e o ritual de fundação.
 - 4.2. Os grandes princípios do urbanismo romano.
 - 4.2.1. O ritual de fundação.
 - 4.2.2. O plano das cidades romanas.
 - 4.3. Os principais elementos urbanos.
 - 4.4. As cidades romanas em Portugal.
 - 4.5. A cidade em Vitrúvio.
5. Urbanismo medieval.
 - 5.1. Origens e formas da cidade medieval.
 - 5.2. As novas cidades.
 - 5.3. A rua e a praça na cidade medieval.
 - 5.4. O Porto medieval.
6. A cidade do mundo islâmico.
7. Urbanismo do século XVI.
 - 7.1. O novo ideal urbano.
 - 7.1.1. As cidades ideais.
 - 7.1.2. A cidade em More e Campanella.
 - 7.2. Roma.
 - 7.3. Aspectos do urbanismo na Europa do século XVI.
8. Urbanismo dos séculos XVII e XVIII.
 - 8.1. Preocupações de ordem prática.
 - 8.2. A estética urbana.
 - 8.3. Urbanismo e política.
 - 8.4. Criação urbana: as grandes alterações nas cidades da Europa.
 - 8.5. As novas cidades.
9. O urbanismo em Portugal na segunda metade do século XVIII.
 - 9.1. Lisboa.
 - 9.2. Porto.
 - 9.3. Vila Real de Santo António.
10. A cidade e a festa (século XVI-XVIII).

BIBLIOGRAFIA

- BENEVOLO, Leonardo - Diseño de la ciudad, México, Ed. G. Gili, 1979
CHARRE, Alain - Art et urbanisme, "Que sais-je?", nº 2089, Paris,
PUF, 1983
FERREIRA ALVES, Joaquim Jaime B. - O Porto na Época dos Almadas
(1757-1804). Arquitectura, Obras Públicas, Porto, 1987
FRANÇA, José-Augusto - Lisboa Pombalina e o Iluminismo, Lisboa, Li-
vraria Bertrand, 1977
MARQUEL, Jean-Louis - Histoire de l'Urbanisme, Paris, P.U.F., "Que
sais-je?", nº1892, 1981
ROSENAU, Peter - A Cidade Ideal. Evolução arquitectónica na Europa,
Lisboa, Editorial Presença, 1985

Docente: Profª Doutora Natália Marinho Ferreira Alves

1. Introdução.

1.1. Abordagem metodológica.

1.2. As teorias da arte. Aparecimento e formação.

1.3. A crítica da arte: seu génese e evolução.

1.4. As relações entre artista, consumidor e obra de arte.

Importância destes três vectores para os campos das teorias e da crítica da arte.

2. O Homem e a criação artística.

2.1. A arte e o gosto.

2.2. O artista e a criação.

2.3. O papel da imaginação na génese da obra de arte.

2.4. O belo e o feio. O completo e o inacabado. O racional e o irracional.

3. A Antiguidade Clássica.

3.1. A crítica da arte e a figura de Xenócrates.

3.2. As posições de Platão e de Aristóteles face ao fenómeno artístico.

3.3. Cícero e Quintiliano: os cânones escultóricos e pictóricos e os "connoisseurs".

3.4. Vitrúvio e a importância do seu tratado de arquitectura.

4. A Idade Média.

4.1. A espiritualidade da arte.

4.2. A arte e a beleza.

4.3. O pensamento de Plotino, Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino e a arte.

4.4. O valor das encyclopédias e dos tratados de óptica.

5. A visão renascentista da Arte.

5.1. O "Quattrocento" florentino e o neoplatonismo.

5.2. O papel dos teóricos. A importância dos tratados de Leão Battista Alberti e de Leonardo da Vinci.

5.3. A Alta Renascença e as novas concepções artísticas. O impacto das obras de Arentino, Ludovico Dolce e Paolo Pino.

5.4. O papel e a função do crítico.

6. O período barroco.

6.1. Os artistas barrocos: as vertentes realistas e classicizante.

6.2. O sentimento e a sua expressão nas artes plásticas.

6.3. As directrizes tridentinas e a sua influência nas artes plásticas.

6.4. A crítica da arte e as posições de Bellori e de Boschini.

7. As teorias e a crítica da arte da época das Luzes ao neoclassicismo.

BIBLIOGRAFIA

- BEARDSLEY, M. C.; HOSPERS, J. - Estética: Historia y Fundamentos, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- ECO, Umberto - Arte e Beleza na Estética Medieval, Lisboa, Editorial Presencia, 1989
- HAUSER, Arnold - Teorias do Arte, Lisboa, Editorial Presencia, 1973
- KRIS, Ernest/KURZ, Otto - Lenda, Mito e Magia na Imagem do Artista, Lisboa, Editorial Presencia, 1990
- PANOFSKY, Erwin - Renacimiento y Renacimientos en el Arte Occidental, Madrid, Alianza Editorial, 1977
- ... - ideas. Contribución a la Historia de la Teoría del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1977
- RICHARD, André - La Critique d'Art, París, P.U.F., 1968
- SCHLOSSER, Julius - La Literatura Artística. Manual de Fuentes de la Historia Moderna del Arte, Madrid, Ediciones Cátedra, 1976
- VENTURI, Lionello - Histoire de la Critique d'Art, París, Flammarion, 1969
- COLECCIÓN de 2 volúmenes - Fuentes y Documentos para la Historia del Arte, Barcelona, Gustavo Gili, 1982-1983

HISTÓRIA DA EDUCACÃO

Docente: Prof. Doutor Francisco Alberto Fortunato Queirós

1. Introdução à História da Educação.
2. A educação na Antiguidade Clássica.
3. A educação medieval.
4. O Renascimento e o Humanismo na educação.
5. A Reforma e a Contra Reforma na Educação.
6. A educação no século XVII.
7. A educação no séc. XVIII.
8. A educação no séc. XIX.
9. A educação no séc. XX.
10. A educação em Portugal, no séc. XX

NOTA: Nos Pontos 3 a 8, far-se-á, sempre que oportuno, uma ligação com a História da Educação em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

Aconselham-se duas obras gerais: Histoire Mondiale de l'Éducation, publiée sous la direction de Gaston MIALARET et Jean VIAL, 4 vols., Paris, P.U.F., 1981. (Há edição portuguesa); História do ensino em Portugal (...), por Rómulo de CARVALHO, F.C.G., Lisboa, 1986.

A restante bibliografia será anunciada no desenvolvimento de cada rubrica.

HISTÓRIA DO BRASIL

Docente: Prof. Doutor Eugénio Francisco dos Santos

O programa será indicado oportunamente pelo docente.

I N D I C E

PRÉ-HISTÓRIA	1
SOCIEDADES, CULTURAS E CIVILIZAÇÕES PRÉ-CLÁSSICAS	3
SOCIEDADES, CULTURAS E CIVILIZAÇÕES PRÉ-CLÁSSICAS	5
SOCIEDADES, CULTURAS E CIVILIZAÇÕES CLÁSSICAS	8
INTRODUÇÃO À HISTÓRIA	10
INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DE ARTE	11
INTRODUÇÃO À ARQUEOLOGIA	13
HISTÓRIA DE ARTE ANTIGA	15

OPÇÕES

HISTÓRIA DA CIDADE DO PORTO	1
SOCIOLOGIA DA ARTE	2
HISTÓRIA DE ARTE EM PORTUGAL	6
HISTÓRIA URBANA GERAL E DE PORTUGAL.....	8
TEORIA E CRÍTICAS DA ARTE	10
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	12
HISTÓRIA DO BRASIL	13

